S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 4 de janeiro de 1913 — ANNO XII — N. 172

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

A Satrapia paulista

Messias, Deus, chefes supremos.
Nada esperemos de nenhum!
. . . .
(A Internacional).

Os homens do chicote e do tronco, os conselheiros, condes e barões papalinos e os abençoados até á terceira geração, os funambulescos farçantes da cruz e do hissope, toda a tropa doirada, tonsurada e decrepita que vive a sugar o povo, jubila, a esta hora, de gaudio por ter adquirido para este seu feudo mais uma arma terrivel — a lei de expulsão contra estrangeiros — couraça com que pretende resguardar-se dos golpes que vai recebendo por todos os lados, desfechados pelo socialismo triunfante.

Dizem que o sátrapa de S. Paulo negociou com o homem do Catete, por meio de concessões reciprocas, esta vergonha inquisitorial que vai servir ás mais torpes vinganças, que vai abrir uma época de perseguições e de injustiças, de actos de ataque e de defesa dos dois lados da barricada que, certo, não desejavamos, porêm que saberemos sustentar com a coragem e o sacrificio que o dever nos impõe.

Sim, porque sabemos, *temos a certeza*, que por qualquer pretexto, a um simples pedido de qualquer explorador de escravos brancos, a vitima será agarrada, encarcerada, flagelada, expulsa sem mais ceremonias por uma policia sem o menor vislumbre de moralidade nem escrupulo nos seus actos, como se tem visto mesmo antes da lei scelerada estar em vigor.

Socialistas e anarquistas, livres pensadores e anticlericais, todos aqueles que prégam a substituição desta sociedade barbara de padres e potentados por outra baseada na Justiça e na Razão, onde não haverá exploradores nem explorados, onde não existirá um Deus presidindo, podendo evitar, aos mais espantosos crimes, todos estão sob a acção do arbitrio policial, este instrumento traiçoeiro da classe execranda de improdutivos que todo ser inteligente e bem dotado de sentimento deve combater sem treguas, como se combate o microbio da peste que a todos ameaça.

Foi o medo do anarquismo, como afirmam, que os levou a forjarem ás pressas a lei com a qual pensam poder garantir-se os gosos a que estão afeitos.

Foi tambem a grande massa proletaria estrangeira, que julgam facilmente apta a aceitar a doutrina libertaria, que lhes tem tirado o sono e que no meio dos seus festins, nos seus salões doirados, ergue-se com o seu aspecto terrivel de vingança pelas muitas dores sofridas ha tantos seculos.

Nós não fazemos distinção entre estrangeiros e nacionais. Hoje, qualquer que seja o paiz, vemos sómente duas, duas classes — a burguesia e o proletariado, uma, como diz Sebastião Faure, indo á extrema riqueza, outra, a produtora, á extrema miseria!

Ora, a despeito de todas as leis, o instinto de conservação do individuo o forçará a reagir contra tudo que se opuzer ou atentar contra o seu natural desenvolvimento, contra a sua existencia, porque é a natureza a unica força que pode ditar leis a que ninguem se pode furtar.

As deportações, os fuzilamentos e perseguições em outros paizes poderiam servir de exemplo aos que pensam poder conservar a massa trabalhadora na ignorancia para melhor poderem tosquia-la, a corrente de ideias é hoje de tal maneira impetuosa que não ha força que a possa deter.

Porêm o sátrapa paulista exige uma lei barbara da União contra os seus escravos.

O sátrapa paulista terá o que pede!

E fiquemos, nós os proletarios, sabendo que dentro das fronteiras brasileiras ha lugar para todos, exceto para aqueles que ousarem pensar: o operario deve só ter braços e não cerebro...

E viva o governo — pai dos operarios, gritam os sicofantas!

Quanta abjeção!

Mas olhem que o tiro lhes pode sair pela culatra...

Rio, 29 — 12 — 1912.

Adrecal.

Hostias amargas

A muito heroica municipalidade de Uberaba confeccionou a lei seguinte:

LEI N. 288 DE 31 DE OUTUBRO DE 1912 — O povo do municipio de Uberaba, por seus vereadores, votou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. Unico. Fica o agente executivo autorizado a considerar feriados, para os efeitos dos serviços municipais, os dias de comemorações religiosas, sem descontos nos ordenados dos respectivos funcionarios, revogadas as disposições em contrario.

O director da secretaria a faça publicar e correr.

Paço da Camara municipal de Uberaba, 31 de outubro de 1912 — 23o. da Republica.

O presidente da Camara e agente executivo municipal, *Hildebrando de Araujo Pontes.*

Publicada nesta secretaria da Camara municipal de Uberaba, aos trinta e um dias do mez de outubro de mil novecentos e doze.

O director da secretaria, *Felicio Baptista de Paiva.*

Se não estivessemos em uma republica de caçoada, onde a Constituição, que não reconhece religião de especie alguma, vale tanto como um Judas que a molecada queima em sabado de Aleluia, os vereadores de Uberaba seriam chamados á responsabilidade, por concederem ao romanismo privilegios de que não gosam as outras seitas religiosas, cometendo assim verdadeiro abuso de poder.

Mas toda a gente sabe que Uberaba é dominada por um fulão d. Eduardo Silva, que se diz bispo da diocese, e por uma caterva de frades estrangeiros — dominicanos, agostinianos e franciscanos — que, expulsos de sua patria, fizeram da principal cidade do Triangulo Mineiro o seu quartel de inverno...

E essa fradalhada traz sujeita a si toda a população da cidade e, o que é peor, as proprias autoridades civis, que não se sentem com a coragem precisa para enfrenta-la, para reduzi-la a suas verdadeiras proporções.

Limitemo-nos portanto a apelar para melhores tempos, nos quais em lugar de uma Republica de caçoada tenhamos uma republica de verdade.

* * *

Os leitores já tiveram occasião de notar a petulancia com que os bonzos da Igreja Catolica se referem á *falsa Sciencia?*

Falsa sciencia, no dizer duns biltres, é a sciencia que repousa na *observação* e na *analise* e que repele o *sentimento* e a *revelação*.

Falsa sciencia é, para os homens de saias e zero no vertice da cabeça, a sciencia que não admite um Deus formado de tres Deuses, dos quaes um se fez homem a principio e mais tarde se transformou em pão que cria bolor e em vinho que se converte em vinagre, segundo as palavras de Diderot.

Para a clericanalha só ha uma sciencia verdadeira, que é a Teologia — verdadeira mayonnaise de asneiras, absurdos e infantilidades.

A Astronomia, que derrocou a cosmogonia mosaica, se não se puzer de acôrdo com a mesma, será apodada de *falsa sciencia*.

A Matematica, se não admitir que um Deus, mais um Deus e mais outro Deus são iguais a... um Deus — *falsa sciencia*.

A Fisica, se não doutrinar que os acidentes — côr, sabor, forma, etc. — podem subsistir sem a materia, quando taes acidentes nada mais são do que as modalidades segundo as quais a materia impressiona os nossos sentidos — *falsa sciencia*.

A Quimica, se ousar afirmar que a hostia consagrada continúa a ser uma obreia de amido, e que em caindo sob a acção de um acido mineral ou certos fermentos soluveis, como a ptyalina, a pancreatina, a maltina, etc. — se desdobrará fatalmente em assucares invertidos — *falsa sciencia*.

A Biologia, se contestar a existencia do reino humano, si no homem nada mais vêr do que o produto mais elevado da diferenciação de um certo ramo da animalidade, — *falsa sciencia*.

A Sociologia, se não proclamar que os selvagens representam povos decaídos em razão do pecado de Adão, mas que, ao envez, são raças humanas em periodo atrasado do estado social — *falsa sciencia*.

A Moral, se prescrever que o chefe da familia deve tambem ser o chefe espiritual do seu lar; se não estatuir que a esposa tem o dever de abrir o seu coração a um confessor que em geral é um tipo imundo, tornando-o seu confidente intimo, transmitindo-lhe sem restricções de especie alguma os seus pensamentos, patenteando-lhe a sua alma, abrindo-lhe os recessos do seu coração, e dele, só dele recebendo instruções sobre o modo de se guiar, de se conduzir na vida conjugal — *falsa sciencia*.

Para as cavalgaduras tonsuradas a sciencia verdadeira está em constranger a razão, forçando-a a aceitar principios por mais ilogicos e duros de roer que sejam e em crer firmemente que os padres devem governar os lares, desde o vestibulo até... as *camaras de dormir*.

Entretanto, ha neste mundo sublunar tanto basbaque, tanto palerma que acredita piamente em tais disparates, e para quem o padre é uma criatura excepcional, a cujos caprichos deve sempre estar sujeito todo aquele que for candidato a um lugar no côro dos querubins que vivem a cantarolar na eterna bem-aventurança...

E é por isso que os padres são os primeiros a afirmar, e com toda a autoridade, que o numero de estultos é infinito...

Ignoto.

Para o pobrezinho do Vaticano



Quem dá ao papa empresta a Deus...

EM FRENTE DA REACÇÃO

Neste belo paiz onde todavia estão abertas as chagas produzidas pelos suplicios anteriores a 13 de maio de 1888, despontam novos rebentos de torturas. Os negreiros modernos, que conservam no sangue, por atavismo e por herança morbida, os ferozes instintos de escravização e de perfidia desalmada, acentuados pelo sorriso macabro do algoz que se compraz em torturar a sua vitima, põe as manguinhas á mostra, erguendo novamente o rebenque para açoitar as classes laboriosas e inteligentes e restaurar, com novos meios de suplicio, as velhas macerações das cenzalas.

Não se lembram os burgueses e governantes de que a escravatura terminou ha vinte e tantos anos sob a acção invencivel da tendencia liberal da humanidade, e por isso tratam o proletariado, sem distinção de côr, de raça e de nacionalidade, como uma manada de escravos, para quem a famosa lei de 13 de maio vem a ser a generalização da escravatura, estendida a todos os produtores; e os que tomam a serio as garantias constitucionais e os que, independentemente delas, pugnam pela abolição da escravidão moderna, pela emancipação economica dos despojados da fortuna, e pela expansão luminosa do livre-pensamento, pagam com a vida, com a saúde e com a liberdade as belas e fulgurantes aspirações nascidas da sã razão e da pureza de sentimentos, ás quais os negreiros de casaca e de batina fazem uma guerra sem quartel.

Os patriotas mais eminentes que teem em suas mãos os destinos da nação, para felicidade e gloria do povo brasileiro, segundo os seus alardes oratorios, confirmam a existencia incontestavel da igualdade, percebendo cada um cem mil réis diarios, para facilitarem a introdução de novos escravos, para inundarem de negros traficantes de profissão o solo da patria, para entregarem em parcelas o territorio nacional a sindicatos de capitalistas estrangeiros e para ditarem leis sceleradas e de excepção contra os trabalhadores, que com o rude e penoso trabalho de 10 ou 12 horas diarias apenas ganham cem mil réis... por mez.

Sob os auspicios dos presidentes, ministros e senadores e deputados, os quais se desfazem em apologias libertarias para galgarem as alturas do poder e fazerem rendosos negocios com as suas prerogativas, que lhes proporcionam somas enormes, que sobram para acumularem capitais em pouco tempo e regarem com libras esterlinas as suas orgias e festins; sob os auspicios desses legisladores democraticos e positivistas que entregam a terra e o tesouro nacional á disposição das companhias de parasitas clericais, missionarios da degeneração, da desolação e da morte, os cidadãos nacionais ou aqui residentes, que com o suor do seu rosto e com a energia da sua inteligencia produzem tudo quanto aqui pode ser exibido como progresso e cultura, tudo o que representa o desenvolvimento material e moral do paiz, são expulsos sem nenhuma fórmula juridica, por meros decretos do poder executivo, árbitro e senhor absoluto da vida e da liberdade dos habitantes mais esforçados na labuta pelo bem-estar comum trancado pela absorpção, monopolio e limitação sistematica de todas as vitalidades pelos pro-homens, que do pinaculo das suas posições politicas, economicas e religiosas impelem o povo para as profundidades da miseria e da ignorancia, e apertam implacavelmente os grilhões ignominiosos da sua escravidão.

A tara evidente da liberalidade e o tecnicismo sociologico dos mais conspicuos estadistas desta terra fulgem em relampagos deslumbrantes dos cerebros dos parlamentares, representantes do Estado mais adiantado, aquele que reune em si a capacidade maxima da mentalidade brasileira, á frente de cujo partido, ironicamente chamado civilista, se ergue a incomparavel personalidade do super-homem, do semi-deus Rui Barbosa.

A bancada paulista, na pessoa do sr. Adolfo Gordo e a instancias do governo deste Estado, apresentou á Camara dos deputados um projecto de reforma da liberticida lei de expulsão de estrangeiros, cujo teôr dá ao poder executivo ilimitadas faculdades para deportar a todos os estrangeiros, sem ter em linha de conta os direitos de residencia, de familia e de propriedade.

Em virtude dessa lei ficam, para os cidadãos que não sabem ao paladar dos jesuitas, dos déspotas e dos usufrutuarios do trabalho alheio, suprimidos todos esses direitos.

Por estas disposições estaremos obrigados, se assim aprouver aos reacionarios, a ir piedosamente á missa, a confessar aos santos varões da grei do imaculado Faustino Consoni todos os nossos pecados, fazendo-nos de antropofagos tragando particulas do corpo do Nazareno, arrancando a ultima côdea de pão da boca dos nossos filhos para enriquecer com tecidos de oiro e purpura os tronos da rainha adultera que iludiu o seu esposo José para entregar-se aos transportes do amor com o Espirito Santo; teremos que amordaçar o nosso pensamento e tornarmo-nos á bestialidade; suportar calados todas as infamias dos governantes e amos, obedecer como cordeirinhos todas as suas ordens, seguir humildemente todas as suas veleidades, e ser joguete de todas as suas pretenções.

O cumulo da degradação.

O proprio sr. Rui, em carta ha pouco enviada á *Noticia*, do Rio, explica os foros do cidadão dentro da politica e do civismo moderno:

«Eu, diz, não sou uma pessoa, mas um programa: a restauração da ordem civil. Não tenho outra pretenção e em questão de candidaturas outro criterio não poderei ter.»

Sendo este o criterio a respeito da sua propria pessoa, não nos assombra que os politicos, e com eles os padres e os financeiros, tratem por todos os meios de reduzir-nos a zero.

O sr. Adolfo Gordo, em sua magistral exposição perante a egregia assembleia de notaveis, assevera que os estrangeiros que aqui permanecem muitos anos tornam-se mais perigosos, por conhecerem o idioma, as leis e os habitos do paiz.

Edificante descoberta!

Nem Cristovão Colombo e Vasco da Gama são dignos de tanta homenagem como o nosso preclaro parlamentar.

Mas, se evidentemente o conhecimento do idioma, das leis e dos habitos do paiz é o que agrava o perigo, não tem o governo outra coisa a fazer do que expulsar todos os brasileiros, todos os portuguezes, em-

Um ateu, principe da Igreja

O cardeal de Richelieu conhecia a importancia da religião para manter sujeitos os espiritos e os corpos, mas, quanto a ele, era inteligente demais para acreditar nela.

O historiador Tallemant des Reaux (1620-1693), cujo irmão foi capelão de Luiz XIV, refere que o conego Mulot censurara o cardeal pela sua impiedade e que Richelieu declarara francamente que não acreditava em Deus.

Um anonimo, que se firma: "Um Francez desinteressado", escrevia sobro o mesmo assunto a Luiz XIII que "da propria boca da rainha-mãe soubera que, para lhe dar repouso e tirar todas as inquietações que podem perturbar os que governam," Richelieu lhe tinha dito, a ela, que se devia crer como indubitavel maxima nada existir depois desta vida, ser o Paraizo os fabulosos Campos Elisios e o Inferno o rochedo de Sísifo ou o suplício de Tantalo.

Este scepticismo oculto não impediu Richelieu de mandar queimar vivo Urbano Grandier como feiticeiro, etc.; mas isso foi antes devido ao facto de o considerar como um dos seus inimigos politicos.

O cardeal soubera extorquir ao seu clero mais de dezoito milhões de francos. Daí, a colera dos frades contra o representante da hierarquia em França.

G. Brocher.

Ainda o exodo das igrejas

Encontramos, diz *La Pensée*, no *Der Dissident*, anexo ao *Freie Wort*, os novos informes que seguem:

Em Munich em 1912, 700 pessoas declararam adandonar a Igreja; em Schweinfurt (20.000 habitantes) 735, das quais 535 de julho a outubro; em Iena, 400; em Saxe-Meinuigem, 300.

Os brasileiros muito ganhariam se imitassem o exemplo dos alemães, deixando a igreja ás moscas.

fim fazer um êxodo geral de toda a população, mandando-a para os mundos da Lua e povoar novamente o seu querido Brasil com imigrantes importados da Cochinchina ou da Mongólia, ou ao menos mandar escrever as leis em idioma turco ou japonez.

Se ha inconveniencia, como diz, em que os estrangeiros se casem com brasileiras e em adquirirem territorios, dite-se uma lei de divorcio para os que já estão casados e outra proibindo esse casamento antipatriotico, e finalmente outra que declare abolido o direito de propriedade para todos os estrangeiros, pois é dificil averiguar quais os que são ou que chegarão a ser perigosos.

Perigosos! Mas quem são esses perigosos?

Os que o governo expulsa é porque a mal chamada Justiça não encontra nos codigos forma alguma para submete-los a processo, o que prova que não sairam fora das leis estabelecidas; ao contrario, a fobia dos governantes, como se vê, reside no facto de que os cidadãos conhecem as leis e por elas os limites do poder governamental, tornando-se portanto mais perigosos porque não agem fora da lei.

Mas vejamos quais são realmente os mais perigosos: serão os trabalhadores e os homens de pensamento livre, deportados por reclamarem os seus direitos e propagarem os ideais de emancipação e instruirem as classes laboriosas, ou os sacristas que propagam a loucura religiosa e vendem a gloria divina como aqui se vendem lotes de terreno, ou os governantes que cobrem de imposto a população mais pobre para repartir os seus produtos entre os favoritos da côrte republicana, ou os exploradores que diariamente recebem os valores do fruto do trabalho dos operarios?

E' facil deslindar posições.

E' facil deduzir o grau de civilização deste paiz, cuja virtude damocrática e liberal prepara o terreno para o ressurgimento do regimen monárquico.

A referida lei, já aprovada na Camara e no Senado, a estas horas já estará sem dúvida sancionada pelo presidente da republica. Aprovem, sancionem essa lei e outras mais sceleradas; ao menos assim se mostram tal qual são, e os seus actos vandálicos não mais serão praticados á sombra de mistificações liberais e democráticas, pois neste caso corresponderão aos principios draconianos da propria regimentação da ordem politica, que os proclama e determina.

O povo tambem tem a sua parte de responsabilidade nesta precipitação para a sua propria ruina. A estas horas uma comoção popular devia ter feito explosão por todo o paiz, obrigando o governo a retroceder e colocar-se na sua mesquinha posição, demonstrando-lhe que não se deve brincar com os direitos, as liberdades e a dignidade das classes populares.

Ou temos ainda alma de escravos?

Ou carecemos da consciencia da nossa dignidade?

Se assim não é, o que vivamente desejo, não devemos esperar um instante para sair em defesa da liberdade, a abolir quanto antes as leis sceleradas e afastar para distancia respeitavel os poderes que nos oprimem, exploram e fanatizam.

Penso que seria util a criação em todas as cidades e povoações da «Liga dos Direitos do Homem», que representasse o fiel reflexo do protesto popular contra a prepotencia e o crime, e iniciar-se uma intensa agitação em tal sentido.

Seria uma resposta digna perante a arbitrariedade governamental.

Seja como for, é preciso fazer sentir a energia popular, é preciso revoltar-se contra o alto despotismo, contra a expoliação desenfreada e contra a loucura do dominio clerical.

Abaixo a escravidão moderna!

João Crispim.



O mistério diplomático — Considerações filosóficas sôbre o esoterismo moderno e o progresso democrático dos povos — Os reis antigos e os reis modernos — Como o povo caminha contente para a matança — Que sabemos nós da questão do Oriente e das combinações entre potências? — Receia-se um «incidente imprevisto» — Em que consistiria o imprevisto do incidente: na ingenuidade duma mãe, por exemplo — A atitude inquietante da Austria — O sobressalto na Europa — Agitação contra a guerra.

LISBOA, 15 DE DEZEMBRO

As coisas do Oriente europeu e as que delas resultam parecem cada vez mais confusas e embrulhadas. Todos os dias o telégrafo nos traz notícias de inesperadas complicações e de combinações imprevistas.

Quem não estiver no segredo dos deuses, quem não estiver iniciado no esoterismo da diplomacia nem conhecer os bastidores da finança e da política — quem não pertencer, em suma, a essa reduzida minoria que, através de ficções democráticas mais ou menos acentuadas, rege os destinos dos povos, — não percebe patavina de toda essa embrulhada balcánica e europeia, dêsse choque de tam diversos e desencontrados interesses de amos e senhores, origem de tantos males já sofridas e de possíveis hecatombes futuras. Não percebe — nem é preciso!...

Os governantes, os financeiros, os diplomatas, incumbem-se de perceber e resolver por todos. Se necessário for, quando chegar o momento asado, os cidadãos ou os súbditos serão amávelmente convidados a uma chacina, a uma luta selvagem e mortífera contra outros súbditos ou outros cidadãos que os tratados secretos, os manejos diplomáticos, as rivalidades dos senhores da finança e da indústria lhes tiverem posto na frente. Ouvirão falar na «defesa da pátria» que êles não possuem, na «honra nacional» que êles ignoram, nos «interesses do país», que são afinal os duma insaciável oligarquia internacional, e marcharão para o matadoiro só por isso, isto é, sem saber porquê.

Tal é a nossa liberdade. Antigamente, os reis, pelos seus caprichos ou interesses, pessoais ou dinásticos, conduziam à guerra os seus vassalos ou os seus mercenários, cuja honra era a honra do soberano ou do senhor, e em cuja mente não germinava sequer a extravagante ideia de perguntar os motivos da contenda.

Hoje, não. Hoje, felizmente, vivemos em democracia, mais ou menos pura. Temos o regime representativo, mais ou menos genuino. E' o pôôôvo (*ênfase na voz e mão no coração*), é o povo, é o *demos* que governa — por intermédio dos seus representantes... E' êle que escolhe os seus senhores. Eis por que estes, tendo toda a confiança do *demos*, acham sem dúvida escusado dar-lhe contas dos altos e delicados segredos diplomáticos — exigidos pela sublime Razão de Estado e pela sagrada segurança da Patria... Assim, se os modernos cidadãos são mantidos na mesma ignorância dos antigos vassalos, e com a mesma ignorância marcham para a guerra, devem consolar-se, pensando que são democráticamente conduzidos.

Nós, portanto, modestos cidadãos, nada sabemos do que resolvem os nossos amos. Iremos ou não ao matadoiro? E porque havemos ou não havemos de ir? Não sabemos. Somos obrigados a contentar-nos com as fantasias do jornalista, constrangido a dizer qualquer coisa, com as atoardas do especulador, com os boatos avidamente colhidos, ampliados, divulgados... Nas «esferas oficiais» corre... Dizem os «circulos bem informados...» Consta em tal Bolsa... Afirmam nos «centros militares...» Que resolvem, pois, as Bolsas, as esferas oficiais, os centros militares? Manobram em segredo, combinam em segredo, mobilizam em segredo — e depois, sendo muito necessário, farão ao público a honra de lhe servir um pretexto, um «incidente imprevisto.»

Esta expressão foi recentemente proferida pelo ministro inglês Edward Grey: a situação é boa... a não ser que surja um «incidente imprevisto», muito fácil de arranjar. A Austria já esteve a ponto de utilizar um, o assassinato dum cônsul austríaco pelas tropas sérvias, quando a mãe do dito cônsul, diplomáticamente morto, veio ingénuamente declarar que o filho estava são e respeitado...

E é da Austria que se receia mais a ameaça para a paz. Diz-se que já mobilizou perto de um milhão de soldados.

Que sairá das duas conferências de Londres — uma dos delegados dos beligerantes, outra dos embaixadores das potências?... Que sairá da questão do pôrto sérvio — e do porco sérvio?...

Reinam ainda e sempre a ansiedade e a incerteza.

O pessimismo e o optimismo alternam-se, misturam-se, balançam-se, ao sabor dos interesses, sentimentos e boatos.

Nestes últimos dias parecia predominar uma esperança de paz e acôrdo; mas de novo chegam as notícias aterradoras. A Europa toda vive num sobressalto, de que ao longe não se pode fazer ideia; e há quem atribua o extraordinário e repentino aumento de emigração, sobretudo pelos portos alemães, ao temor da grande guerra.

Entretanto, sem se deixar influenciar pelos boatos tranqùilizadores, porventura intencionais, nem pelas ameaças e prepotências, o proletariado continua vivamente a sua agitação contra a guerra.

Mesmo entre nós, teem eco essa manifestações que os governos precisarão de tomar em conta; e assim para hoje, como em outros países, estão convocados comícios em Lisboa, Porto e outras localidades.

Neno Vasco.

"A Lanterna" transformada em diario

Com o crescente e ameaçador poderio do clericalismo e de todas as forças reaccionarias, torna-se indispensavel a publicação cotidiana da "Lanterna" — Que dizem os nossos amigos desta importante iniciativa?

A transformação da *Lanterna* em cotidiano é de ha muito uma nossa ardente aspiração, assim como a de quantos sentem a necessidade de tornar mais intensa a propaganda.

Os clericais contam por todo o Brasil com numerosos periodicos, com um diario em S. Paulo e com quasi a unanimidade da grande imprensa que, mesmo redigida por individuos *soi-disant* anticlericais e livres-pensadores, á clericalha se submete pusilanimemente.

E nós de quantos jornais dispomos? Quais são os diarios que se pronunciam a favor da nossa propaganda?

A resposta é para nós esmagadora.

Mas tal situação não póde nem deve perdurar. A onda negra avança assustadoramente sobre o Brasil, ameaçando esmagar-nos por completo. Urge, pois, reagir pronta e energicamente. E para isso precisamos de uma voz de combate na imprensa diaria.

Será isso possivel?

Tentemos. Já aqui, ha dois anos, lançámos essa ideia, mas a grande agitação que então nos levou á cadeia obrigou-nos a pô-la de lado.

Hoje voltamos á carga e com um programa mais positivo.

Que faremos com a *Lanterna* diaria? Quais os beneficios que ela poderá proporcionar á propaganda?

A Lanterna, transformada em diario, será um jornal completo, bem informado, com minucioso serviço telegrafico e amplo noticiario, comentado sob o criterio das nossas ideias, e colaborado por escritores indigenas e do estrangeiro escolhidos entre os militantes de mais valor intelectual no campo das ideias modernas.

Será diariamente ilustrado e publicará, em folhetins, traduções suas de trabalhos escolhidos ou especialmente escritos para o jornal.

Será, afinal, um jornal moderno, de opiniões proprias, transpirando actividade, fazendo passar tudo pelo cadinho das largas aspirações modernas. Não será um jornal de simples informações, alheio ás injustiças e explorações que por aí campeiam livremente. Ao contrario, será um permanente e vigilante guarda dos direitos do povo, azorragando sempre e sem resguardos todas as tiranias e explorações.

A campanha contra a horda negra do Vaticano será assim, diariamente, sustentada, pondo-se-lhe todas as suas podridões á luz da publicidade para que o povo saiba da sua moralidade e dela se distancie, deixando-nos a possibilidade de levar até ele a nossa propaganda emancipadora.

A parte doutrinaria do jornal será tambem mais cuidada, tendo-se ainda margem para a literatura social.

Será, finalmente, um jornal novo para o nosso meio, cheio de vida e de ideias sãs.

Como não se trata de uma empreza com o fim de acumular dinheiro, mas unicamente duma obra de propaganda, o preço da sua assinatura será muito inferior ao de todos os diarios actuais, ao alcance mesmo dos magros salarios dos trabalhadores.

Iniciativa grandiosa! Como, porêm, leva-la a cabo, nós, que, como patrimonio, só temos a dedicação e o entusiasmo pela nossa grande causa? E não tendo nós o capital necessario para a consecução de uma tão util empreza, como consegui-lo a *Lanterna*, que tem vivido humilde, mas honestamente, de seus proprios recursos?

O capital necessario para a publicação diaria da *Lanterna* será conseguido com os seus amigos, os anticlericais, os livres-pensadores e todos os homens livres que sentem a necessidade deste proveitoso tentamen. Para esse fim será lançado um emprestimo de tantos contos quantos forem necessarios, para a completa montagem do jornal. As acções custarão 10$ cada uma, para poderem estar ao alcance de todos, e serão depois resgatadas em sorteios semestrais, de acôrdo com os fundos do jornal.

Emquanto não se iniciar a edição diaria, a actual publicação semanal continuará ininterruptamente a sua obra de combate ao polvo clerical, mantendo-se, como até aqui, com os recursos que lhe adveem unicamente das assinaturas e de alguma ajuda voluntaria, sem lançar mão do capital destinado á edição diaria.

O dinheiro do emprestimo será depositado num banco por uma comissão composta de correligionarios cujas posses e seriedade lhe sirvam de solida garantia.

Se o capital reunido até á data marcada para a montagem do jornal não atingir a quantia necessaria para esse fim, será pela comissão devolvido aos contribuintes.

E aí têm o projecto com o qual a *Lanterna* poderá ser transformada em diario.

E' possivel executa-lo? Os anticlericais, os livres-pensadores e o proletariado estarão dispostos a adquirir as acções do emprestimo?

Com quantas poderão ficar?

Quantas teremos a possibilidade de passar.

E' o que nos devem responder. Que cada um apresente a sua opinião.

CONFEITOS BÍBLICOS

No capitulo XXI do Exodo, continua o legislador hebreu a pôr na boca do Senhor prescrições diversas com diversas sanções. Legisla-se sobre o modo de sair fôrro o escravo hebreu, estabelecem-se penalidades para os crimes de homicidio (frustrado, premeditado, traiçoeiro ou por imprudencia), de ferimento ou maldição contra o pai ou mãe, de furto e venda de homem, de ferimentos, etc. O capitulo XXII ocupa-se do furto, roubo, dano, fogo posto, abuso de confiança, sedução, feitiçaria, idolatria, heresia, pagamento do imposto aos padres... O capitulo XXIII consigna algumas regras morais uteis e humanas, alguns mandamentos de justiça e solidariedade, não se esquecendo, porêm, de condenar severamente a concorrencia dos deuses estrangeiros, de exigir cerimonias cultuais, dízimos e primicias e de prometer, contra o inimigo, exterminio, sangue, mortandade...

São numerosos os casos sujeitos á pena capital — e entre eles estão, naturalmente, a feitiçaria e o sacrificio aos deuses estrangeiros. Para uma casta dominadora, a heresia, a insubordinação, a concorrencia são os piores dos crimes.

A selvatica pena de talião vem ali expressamente formulada (XXI, 23 a 25): «vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé». No entanto, já tem larga entrada a justiça da compensação, da indenização, da reparação, fase mais avançada da evolução penal. Esta conquista é fruto do lento progresso humano; mas as penas em conjunto, as barbaras crueldades atribuidas a um Deus, não honram muito a omnipotencia, a justiça e a sabedoria desse Deus, autor de todas as coisas, causador de todos os bens e de todos os males e regulador da vida cotidiana dos homens... Repitamos: o que vale a esse Deus é não existir, a não ser na astucia inventiva das castas dominantes e na imaginação ignorante dos simples e dos dominados.

Levados ás guerras e conquistas, os hebreus, os seus chefes faziam do seu deus nacional um guerreiro terrivel e sanguinario: «Eu enviarei o meu terror adiante de ti, e exterminarei todo o povo, em cujas terras entrares» (XXIII, 27). Eis o Sabaot hebraico.

Que pele-vermelha!

O Confeiteiro.

Seção amena

Pedrinho e Carlinhos são dois travessos, geniais nas suas travessuras. Ha três ou quatro horas que fugiram de casa, quando — oh! prodigio! oh! felicidade! — encontram, muito bem embrulhado, um belo queijo flamengo.

— E' meu! grita Pedrinho. Fui eu quem o viu primeiro!

— Mas quem lhe poz a mão primeiro fui eu! clama Carlinhos. E' meu!

Ha uma longa discussão, e por fim Pedrinho propõe que o queijo seja de quem for capaz de mentir mais. E os dois garotos começam a mentir mais desabaladamente do que candidatos em tempo de eleições. Tão entretidos estavam naquele match *de petas, que nem sequer tinham visto o senhor vigario escutando tudo desde o principio. E grande foi a surpresa dos pequenos, quando de repente o ouviram dizer:*

— Os meninos não teem vergonha de mentir dessa maneira? Seus patifes! Mentir é a coisa mais feia que ha. Eu nunca menti na minha vida!

— Carlinhos, exclama o Pedrinho, dá o queijo ao sr. vigario!

EM PROL DO IDEAL

Impressões de viagem

Notas de um peregrino em propaganda pelo interior do Estado

Chegado de Pontal, tomei folego.

O cansaço, a fadiga, o aborrecimento resultante das peripecias da viagem me roubavam o animo para proseguimento de minha missão.

Afinal, tudo se passou. Assim, no dia 8 de dezembro, deixava eu outra vez a grande cidade de Ribeirão Preto com destino a diversas outras do ramal de Uberaba, visitando, porêm, em primeiro lugar, a prospera povoação de

Brodowski

Ao pisar na platafórma logo vi umas casas ao redor da estação, com ruas alinhadas, limpas, com algumas casas comerciais, oficinas, dois hoteis, uma capela erguida numa praça, um edificio á maneira de chalet, com inscrições no frontispicio, pertencente a uma sociedade italiana de socorros mutuos, etc. Houve ali, tambem, em tempos passados, uma loja maçonica, que hoje dorme o sôno do esquecimento.

E' um lugar que não me causou má impressão, e que, segundo ouvi dizer, promete prosperar, progredir.

Tal é Brodowski.

E tanto assim é que, ainda há pouco, em virtude da má administração de Batatais, a cujo municipio pertence, aquela população entendeu tratar de sua emancipação politica e constituir-se em municipio independente.

E faz muito bem.

Que a ideia vingue, eis o que lhe podemos desejar.

***

Em continuação, segui no mesmo dia, á tarde, pelo rapido, chegando pela noite na velha e bastante alta cidade de

Franca

Pensava uma coisa, e vi outra muito diferente. Estendia-se-me diante dos olhos uma cidade esparramada, com iluminação electrica tão ruim, que me fazia lembrar a iluminação de S. Paulo, nas partes que ficam fora do centro. E isto nem mais, nem menos.

E logo, tratando de arranjar um carro, dirigi-me para o centro, indo alojar-me no «Hotel Marconi».

E ai, ainda, quasi nada podia eu dizer da cidade. Era preciso que désse um passeio pelas ruas, o que fiz no dia imediato, visitando os assinantes d'*A Lanterna*.

Mas sabem o que me aconteceu?

Fiquei espantado, apenas tinha saido, com um facto extraordinario. Estava perto da casa do sr. cap. Lobo Bastos, quando deparei com um grande ajuntamento de povo acompanhado de musica e foguetes, em estrondosa manifestação festiva.

Que será? — disse eu, de mim para mim. E não podendo saber do que se tratava, perguntei a uma pessoa, na rua:

— Que é isso? Para que essa manifestação, para que?...

— Não sabe?! E' para demonstração de simpatia áquele medico que assassinou a um seu colega por motivo de rivalidades profissionais. Não sabe desse facto?! Os jornais falaram tanto!...

— Hum — disse eu; e agradecendo a informação, fiquei pasmo diante das pessoas que formavam aquele enorme prestito, porque, segundo julgo, a demonstração de jubilo feita ao medico que saia absolvido pelo juri daquela cidade era como uma aprovação ao acto delituoso pelo mesmo perpetrado, e de que fôra vítima o seu colega, de cuja concurrencia profissional se livrára por meio do assassinato.

Que moralidade! Que civilização a daquelas pessoas! E' o cumulo!

E a musica, postada á frente da casa do medico, executava peças de seu repertorio, enquanto, pelos ares, estrugiam inumeros foguetes.

Mas eu, que não acompanho tais festas, segui meu caminho, mesmo porque não havia tempo a perder.

Andei como um mouro, a cavar, sempre a *cavar*... Aqui era um que desculpava, pedindo deixasse para outro dia o recebimento, ali outro que tendo recebido a folha com toda a regularidade, por mais de ano, alegava te-la devolvido, para assim não pagar a assinatura.

E' isto coisa que se faça?!...

Quanta paciencia... Demais, se tais faltas fossem apenas cometidas por ignorantes, não desgostariam tanto. Mas não: até medicos e advogados passam calotes á imprensa!

Parece incrivel! Até medicos e advogados há que, tendo recebido *A Lanterna*, não pagam suas assinaturas, servindo-se de injustificaveis motivos.

E' o que tenho verificado em diversas cidades do interior. Todavia, para compensação a esses azares, tenho encontrado, da parte de alguns deles e da de muitos companheiros, a mais decidida boa vontade em favorecer á *Lanterna*, já concorrendo com a sua anualidade, já angariando-lhe novos assinantes.

Em Franca, por exemplo, entre outros, temos os companheiros José Pucci e Puccineli, cuja dedicação á causa das ideias modernas se tem tornado digna de nota na cidade.

Isso, pois, é já um consolo.

***

Quiz realizar em Franca uma conferencia de propaganda, aproveitando o convite que me foi feito pelo presidente da Liga-Operaria da localidade, sr. Teófilo Pereira. Era para mim realiza-la numa quarta-feira e tinhamos combinado tudo para esse fim. Mas, não sei porque, tal não foi possivel. Depois, ainda, ficou ela para o fim da semana, que era sabado mes-

mo porque esse dia era mais apropriado, etc.

Entretanto, tambem, não foi possivel. Tudo ficou, apenas, em ensaios, em promessas.

E porque? Facil é explicar: não há ali, infelizmente, uma verdadeira disposição para a propaganda das ideias modernas.

E' isto o que se observa em Franca. Se não, tenho certeza, a Liga Operaria daquela cidade, como outras do interior, estaria pronta, solicita, a promover meios para a conferencia e para protestar contra a iniqua lei de expulsão de estrangeiros.

Que fazer, porêm !...

Esperar que ela tome vereda no futuro, cooperando eficazmente para a propagação dos principios revolucionarios que tendem a regenerar a humanidade.

E porque não, si tudo evolue com o correr dos tempos?

⁂

Depois de ter estado em Franca, fui mais um pouco alêm, á povoação mineira denominada

Conquista

Pouco maior que Brodowski; porêm mais desenvolvida, a vila de Conquista está com geito de aumentar extraordinariamente, dadas as condições especiais em que se acha colocada.

Possue boas casas comerciais, associação italiana de socorros mutuos, com predio proprio, dois bons hoteis, etc.

E que mais há?

Esquecia-me... há ali, tambem, padre e egreja, mas, dizem, o povo de Conquista não é dos mais carolas e o padre, por isso, não tem muito serviço.

Ainda bem, se tal é certo.

Alêm disso, há em Conquista felizmente alguns valentes propagandistas do livre-pensamento, os quais não perdem tempo.

⁂

De regresso para Ribeirão Preto, aportei na cidade de

Batatais

Sabem que é Batatais? E uma cidade cuja camara quer impor, pela força, ao povo, um exorbitante tributo, de que tem resultado forte protesto da parte dos contribuintes, que são todos os seus municipes, á excepção dos padres, das meretrizes e praças do destacamento policial.

A ela, quasi não há quem escape.

Cheguei ali no dia 14 de dezembro, ignorando tudo que de anormal havia no seio daquele povo. O que fiz logo, como propagandista de ideias libertarias, foi procurar alguns companheiros e visitar á Liga Operaria, de cuja existencia já estava antecipadamente informado.

Foi então que soube do que havia.

Disseram-me que a uma representação feita pelos membros da Liga Operaria relativamente á questão de impostos exagerados, os camaristas responderam assim:

«Os operarios que não quizerem pagar os impostos podem ir embora do municipio, que não fazem falta.»

Que resposta!

E isso, de facto, era uma ofensa, que precisava ser desagravada.

Daí a razão porque entenderam, no dia 16, de tratar de uma manifestação de desagravo á camara e declararam-se em greve, reunindo-se naquele dia, ás 11 horas da manhã, na sala da sociedade italiana de mutuo socorro.

Era um gosto ve-los.

O numero dos que compareceram foi relativamente grande e a assembleia esteve calorosa e entusiasmada, notando-se, porêm, todo o respeito á ordem.

Dali, desceram em direção do jardim publico, em cuja praça, como já esta folha noticiou, teve realização o anunciado comicio de protesto.

Nessa ocasião foram levantados vivas á revolução social e á *Lanterna*.

E como ainda não tivesse chegado o reforço policial que depois desembarcou naquela cidade, não se observou nenhum incidente digno de nota, nenhuma perturbação á ordem publica.

Foi, em suma, uma demonstração que valeu alguma coisa, e que se faz digna de ser registada nos fastos da historia daquela terra, que para ser celebre, basta ter sido o berço de duas grandes notabilidades que aviltam a civilização brasileira: Adolfo Gordo e Washington Luiz.

Que a lição sirva de exemplo, eis o que podemos desejar.

⁂

Após a agitação popular ocorrida naquela cidade, na qual tive o ensejo de tomar parte, segui outra vez com destino a

Ribeirão Preto

Precisava estar nesta cidade ás 7 horas da noite, afim de realizar a conferencia anunciada e tambem protestar contra a lei de expulsão de extrangeiros, junto com os operarios ribeiro-pretanos.

A' hora aprasada compareci na séde da Liga Operaria de Ribeirão Preto, onde já se achavam reunidos muitos operarios.

A sala não demorou a ficar repleta e logo a sessão foi aberta pelo companheiro Romulo Pardini, secretario da associação.

A assembleia em peso foi solidaria no protesto, assinando o abaixo assinado contra a nefasta lei de expulsão de extrangeiros, que deverá ser publicado pela nossa folha.

⁂

Na proxima narrativa tratarei de factos relativos ás cidades de S. Simão, Casa Branca, S. Sebastião do Paraizo, S. José do Rio Pardo, Mocóca, Poços de Caldas, Espirito S. do Pinhal, Amparo, e outros, encerrando assim o meu itinerario na Mogiana.

Ribeirão Preto, 20 — 12 — 1912.

J. Penteado.

Contra a lei-arrocho

Vai num crescendo animador o movimento de repulsa contra o mostrengo

Como em outras cidades do interior, tambem em Amparo se realizou um comicio de protesto contra a execranda lei de expulsão de estrangeiros, que constitui o mais evidente atestado da decadencia moral dos homens publicos deste paiz, cuja sorte se acha á mercê de uma comandita composta de individuos autoritarios, escravagistas, sem ideal nem entranhas.

A lei de expulsão de estrangeiros é o parto monstruoso de uma entidade degenerada que procura destanciar o Brasil do conjunto das nações civilizadas. Adolfo Gordo, o servidor dos fazendeiros autoritarios que ontem foram senhores de escravos, não podia produzir outra coisa. A sua lei, a lei proposta por ele, não é senão uma barreira levantada contra a livre manifestação de pensamento no Brasil, onde, graças ao influxo recebido dos colonos europeus, as ideias modernas, com as suas manifestações no ambiente social por meio de greves como a dos empregados da companhia Paulista, a dos trabalhadores da companhia Docas, de Santos, e outras muitas, que se teem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

A monstruosa lei tende a coíbir esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operarios conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. E' isso e nada mais o que pretendiam os legisladores do Brasil, os degenerados representantes de uma fementida republica.

Mas isto é demais. E' preciso que nos insurjamos contra essa ameaça, contra essa afronta lançada á liberdade!

Levantemo-nos, insurjamo-nos!

A lei de expulsão é uma vergonha, que precisa ser combatida por todos os homens conscientes que formam a grande falange do livre pensamento no Brasil.

Ela nos remonta dos tempos barbaros, trazendo-nos á memoria os remotas factos ocorridos na Espanha e em Portugal, que forçados pela inquisição, pelo clericalismo, decretaram uma lei, parecida com a engendrada pela bancada paulista, que tinha por objectivo a expulsão dos judeus habitantes daquela peninsula.

Em nosso paiz só o deputado de Batatais podia lembrar-se duma lei semelhante.

Se naqueles tempos pareceu odioso um tal decreto, hoje o é ainda mais, porque, afinal, estamos num seculo mais adiantado.

E por isso, pois, no Brasil, que é uma republica, não tem razão de ser semelhante lei, a menos que não se queira retrogradar, a menos que não se queira voltar aos tempos dos capitães-móres.

E que devemos fazer? Cruzar os braços? Não. E' preciso que nos insurjamos! E preciso protestarmos!

J. Penteado.

Em Amparo

A cidade de Amparo não permaneceu indeferente ante o monstruoso atentado á liberdade de consciencia, ante o afrontoso ultraje á livre manifestação do pensamento. A lei de expulsão de estrangeiros naquela cidade mereceu, como era de esperar, um energico e vibrante protesto.

Assim, no dia 30 de dezembro, ás oito da noite, a *Liga Operaria de Amparo*, reunida em assembleia extraordinaria, para comparecer á qual foram convidadas todas as classes sociais, realizou uma ardorosa e impulsiva manifestação de protesto contra a repulsiva lei engendrada pelo deputado de Batatais, que tem por fim a explusão dos extrangeiros conscientes, que, vindos ao Brasil, não estejam dispostos a substituir o negro escravo desaparecido com o advento da lei aurea de 1888.

A *Liga Operaria de Amparo* fez distribuir pela cidade um boletim de convocação para o comicio de protesto, conseguindo reunir avultado numero de pessoas em sua séde social.

A dissertação sobre a iniqua lei foi feita pelo nosso representante, João Penteado, então naquela cidade, em viagem de propaganda, e a sessão foi presidida pelo nosso companheiro sr. João Antonio Ribeiro, fazendo parte da mesa, ao lado do nosso representante, os camaradas Manuel Monteiro Mendes, Orlando de Campos, José Accordi, Gabriel de Paula Carvalho, Alberto Henrique da Silva e Domingos Sbompato, membros daquela simpatica agremiação operaria.

O presidente, expondo, em breves termos, o fim da reunião, deu a palavra ao orador, que concitou os animos daquele povo, incitando-o a protestar contra a iniqua lei de expulsão de estrangeiros e fazendo ver que nós, o povo do Brasil, precisamos não deixar passar sem protestos os actos que constituem verdadeiro atentado á nossa civilização, ao nosso brio, ao nosso decôro e á nossa dignidade.

Fez ver que é necessario o pronunciamento da vontade popular em comicios, sempre que a causa da liberdade sofra uma ameaça, sempre que a tirania dos poderes constituidos pretenda esmagar o povo sob a pressão de impostos e leis que não estejam compativeis com a condição actual da civilização humana.

Depois de narrar os factos delituosos praticados pelos homens de alta representação nacional, depois de narrar as scenas de sangue, os suplicios e toda a sorte de baixezas por eles perpetradas — fez ver que agora, felizmente, já o povo se sente disposto a exercer sua elevada função social protestando contra o projecto Gordo.

A assembleia, unanime, aclamou as ultimas palavras de seu discurso, que foram:

— Abaixo a lei de expulsão de estrangeiros!

Depois, apresentado o abaixo-assinado de protesto nesse sentido, foi logo subscrito por inumeras pessoas, cujos nomes publicaremos em nosso proximo numero.

Dando parabens aos distintos camaradas da *Liga Operaria* de Amparo, fazemos votos para que continuem em seu proficuo esforço em prol da emancipação dos trabalhadores e da reforma social.

A Confederação Operaria Brasileira

Esta valiosa agremiação, que reune em seu seio associações de trabalhadores de todos os Estados do Brasil, tomou em sua ultima assembleia importantissimas deliberações sobre a famigerada lei da jesuitada de S. Paulo.

A C. O. B., dispondo da solidariedade e do concurso dos jornais e sociedades operarias da Europa, vai iniciar uma activa campanha contra a emigração para o Brasil, orientando os trabalhadores que para aqui desejem vir sobre os perigos a que se sujeitarão com a lei scelerada, feita por vontade dos fazendeiros escravocratas.

Deliberou tambem a Confederação mandar um delegado á Europa para agir no mesmo sentido, e levando uma mensagem a todas as agrupações e jornais nossos de alêm-mar, na qual serão relatadas todas as violencias ultimamente cometidas com a classe trabalhadora.

Os comicios anunciados

Atendendo ás conveniencias da agitação, resolveu a comissão da colonia espanhola que estava tratando da realização de um comicio, nesta capital, adia-lo para data ainda não determinada e publicar imediatamente um manifesto assinado por grande numero de pessoas.

Esse manifesto, que quando aparecer este numero da *Lanterna* já estará em circulação, vai ser remetido a toda a imprensa e associações populares da Espanha.

Parece que igual deliberação foi tomada pela comissão do Rio.

Em Ribeirão Preto

Protesto da Liga Operaria de Ribeirão Preto contra a lei de expulsão de estrangeiros e as arbitrariedades policiais por ocasião da ultima greve de Santos:

Não podendo calar o seu justo sentimento de indignação contra a monstruosidade revoltante posta em pratica pela nefasta policia de Santos e autoridades estaduais por ocasião da greve dos operarios chafeurs e carroceiros naquela cidade — a Liga Operaria de Ribeirão Preso, imitando na solidariedade as suas co-irmãs do Brasil, vem hoje por sua vez, perante esta assembleia, afim de fazer sentir o seu vibrante, formal, energico e coletivo protesto contra a violação de domicilios, prisões arbitrarias, violentas, barbaras e consequente expulsão com que foram injustamente castigados diversos dos nossos mais esforçados e inteligentes companheiros ali militantes.

Assim, pois, a Liga Operaria desta cidade, usando do direito que lhe assiste, protesta contra a iniquidade da lei de expulsão de estrangeiros que ora agita a opinião publica e convida todas as pessoas presentes, sem distinção, a acompanha-la em seu gesto de natural repulsão, pedindo-lhes suas assinaturas nestas linhas, que serão devidamente registadas nas actas da Liga Operaria de Ribeirão Preto.

Ribeirão Preto, 16 de dezembro de 1912.

Romolo Pardini, Dante Reale, Pedro Pontin, João Pontin, Emilio Massaro, Alesandro Salvatore, Nicola Francesco, Francisco da Silva, Pietro Caturelli, Cesarino Caturelli, Paolo Caturelli, Amilcare Caturelli, Domingues Orsolam, Tomaso Tulim, Alberto Bombonato, Antonio Mazzola, Signorini Dominico, Guindani Carolina, Rafaele Guatroni, Giuseppe Fatini, Vincenzo Gherardini, Angelo Lorenzo, Ettore Gracchi, Fenri Tranquillo, Salvatore Demofonte, Alfredo Salvatori, Amadeo Tasla, Mariano Dá Col, Filippe de Santos, Natale Bó, Luigi Bó, Americo Facero, Crispi Venturi, João Giz, José Caruso, Amadeo Henrique, Antonio Pinoti, Lucilio Roque, Valentino Ferranti, José de Castro, Giovanni Paoliello, Pietro del Bem, Michele Martucci, Cleonte Bassi, José Oliveira Jordão, Felisberto Prospero, Eresto Kükru, Giuseppe Comparone, Silvio Cecchi, Felice Pucetti, Lilis Pesi, Italo Scavassini, Ignacio Franza, Alfredo Battaglia, Luigi Ferrari, Francesco Murdocco, Serafim Alonso, Giovanni Pardini, Alselmo Vizzotto, Remigio Ajta, Giovanni Bó, Cesare Trinci, Marcello Mattioli, Carlos Martim Rodrigues, Emilio Rosetti, Luigi Vetorazzi, Pasquale Rondinone, Joaquim Ferreira, Antonio Ignacio, Francesco Rondinone, Decanio Affonso, Archimede Bó, Avelino Bó, Domenico Rondinone, Giovanni Greguolo, Attilio Mazzoni, José de Amaral, Luiz Gumerato, Francisco Prospero, Giuseppe di Pace, Constantino Leonel, Pietro Meloni, Ambrosio Riva, Vitaliano Mauro, Dante Malerba, Giovanni Clemente, Cesare Faccio, Domenico Noviello, Davide Raghianti, Eugenio Pelá, Guido Guaraldo, Giovanni Veraci, Deonisio Faccioli.

Um engano

O protesto anunciado em nosso numero anterior para o presente é o de Ribeirão Preto, que hoje publicamos e não o de Cravinhos, já publicado, como por engano dissemos.

O bispado-polvo de Ribeirão Preto

Sua nefasta acção pela diocese

Indignação popular — A remoção do padre Amorim de Itapira — O seu rebanho em reboliço — O bispo é desobedecido — A intervenção da policia — A politica e o clero — Noutras cidades.

Ha pouco era Serra Azul teatro de uma farça, em que tomavam parte o povo, o padre daquela paroquia, o bispo de Ribeirão Preto, a policia e até a maçonaria e agora, em Itapira, não sabemos bem porque motivos se repete identica scena, de que resulta evidente fraqueza moral da parte do bispo da diocese de Ribeirão Preto, cuja ganancia de dinheiro lhe tem custado a antipatia que vai grangeando nas paroquias de sua diocese.

São Simão, Casa Branca, S. José do Rio Pardo, Mocóca e quasi todas as outras paroquias estão prestes a se insurgir contra a estorção que o bispado lhes faz com a cobrança de impostos sobre a propriedade territorial relativos á FABRICA DO PATRIMONIO DA PAROQUIA.

E' uma mina a tal fonte de renda que começa a ser explorada pelo bispo, mas o povo, que é a eterna vítima do clericalismo, o povo, que é quem sustenta esses parasitas sociais, esses demonios de mitra e de tiara, não deve calar ante semelhante extorsão.

O povo deve protestar e não obedecer suas ordens, do mesmo modo como se fez em Serra Azul e Itapira.

Mas, tambem, é preciso que se note: desobedecendo ao bispo é preciso que leve a desobediencia até o papa e ao simples vigario da paroquia. Todos se medem pela mesma medida e, por conseguinte, merecem o nosso despreso.

E porque? Querem ver? E' muito facil. Toda autoridade imposta, quer politica, quer religiosa, não serve senão para impedir a marcha do pensamento humano.

Assim, pois, devemos nos libertar dessas tutelas, que são a causa da ruina de nossa sociedade.

E agora, como vemos que os proprios padres desobedecem as ordens de seus superiores hierarquicos, achamos oportuno que o povo, tambem, por sua vez, despensassem os padres e ministros de toda e qualquer religião.

Quem sabe lá...

⁂

Em Itapira dá-se o seguinte: o padre vigario daquela paroquia, que é muito rendosa, não merece a graça do chefe politico local.

O motivo desse facto, porêm, não sabemos. Mas o certo é que, por pedido deste, o vigario de Itapira é removido.

A ordem, todavia, não foi obedecida pelo padre demissionario, ao lado do qual se acham as suas ovelhas, que, reunidas, fizeram-lhe grande manifestação de solidariedade.

E até agora, segundo imaginamos, o padre Amorim continua em sua paroquia, a despeito da intervenção da policia, cujo destacamento local recebeu de S. Paulo, ha dias, um contingente de força, que ali se acha sob o comando de um sargento.

Se a moda pega... que irá fazer o sr. bispo de Ribeirão Preto com as suas especulações tão rendosas?

Mogi-Mirim, 30 — 12 — 1912.

Pettinato.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Bélgica

SINDICATOS CRISTÃOS — O ultimo relatorio do Padre Rutten, secretario geral das Uniões profissionais cristãs da Belgica, acusa, como os precedentes, um aumento consideravel dos efectivos dessas organizações.

Contando em 1904 cêrca de 10 mil socios, os sindicatos cristãos englobavam mais de 20 mil em 1906, mais de 40 mil em 1909, mais de 70 mil em 1911, e no 1.º de julho p. p. este numero elevava-se a 82.716, repartidos por 866 sindicatos.

E' sobretudo na industria textil que se desenvolveram os sindicatos cristãos: 80 sindicatos, com 13.638 socios. Tambem arregimentaram em organizações especiais os operarios flamengos que vão anualmente fazer a colheita em França. Os tres sindicatos dos emigrantes da Flandres oriental, da Flandres ocidental e do Hainaut contam respectivamente 10.160, 3.966 e 10.050 socios, ao 15.176.

E' sem duvida nociva á causa proletaria, á emancipação economica, politica e intelectual dos trabalhadores, esta obra clerical. E' mesmo grandemente nefasta, dividindo o operariado e retardando a formação da sua consciencia de classe.

Entretanto, no momeuto da acção, sucede com frequencia que os operarios arregimentados abandonam os seus pastores clericais e fazem causa comum com os outros camaradas: é a identidade de interesses que operou a fusão. Tem-se visto isso em muitas greves e viu-se em 1905 com os operarios russos agremiados pelos popes por conta do tsarismo.

Alemanha

O ABANDONO DA IGREJA — A *Geistestreiheit*, de Berlim, traz o extracto de uma grande reunião publica, na qual se obtiveram oitocentas declarações de abandono da igreja, resultado para que não pouco contribuiu o brilhante discurso do presidente da Federação Nacional dos Livres Pensadores Alemães, Gustave Tchirn, frequentemente interrompido por delirantes aplausos. Fóra, entre as centenas de pessoas que não puderam alcançar lugar na ampla sala, colheram-se tambem numerosas declarações. Numa conferencia publica do dr. Kramer obtiveram-se trezentas dessas declarações. Em Nuremberg, onde falou o mesmo ilustre medico, cento e trinta e seis pessoas declararam abandonar a igreja. O mesmo fizeram cem habitantes de Sounberg, em seguida a uma conferencia do eloquente propagandista Vogtherr, que dissertou sobre o tema: *O que nos separa da igreja.* Se tivermos em conta que muitos destes declarantes serão seguidos pelas respectivas familias, pode ver-se quanto se vai alastrando, felizmente, por todo o mundo, o movimento anticlerical. E' que a humanidade quer avançar e as religiões reveladas são todas incompativeis com o progresso.

A INTOLERANCIA — O *Jornal religioso* de Dortmund faz activa propaganda para que aos catolicos seja proibido relacionarem-se com pessoas de outra religião. Recentemente publicou os estatutos duma associação feminina, nos quais se lê isto: «E' proibido o casamento mixto; é causa de exclusão da associação qualquer laço de amizade com pessoas de outra religião.»

Ah! se eles pudessem dar á excomunhão a eficacia que ela tinha na idade-media!...

Russia

O HEROISMO REVOLUCIONARIO — A policia de Varsovia encontrou a pista de dois terroristas conhecidos, chamados Blukotec e Kozlozeki. Os agentes perseguiram-nos. Os terroristas, então, fugiram, lançando algumas bombas contra os seus perseguidores, ferindo uma mulher. Por fim conseguiram refugiar-se no pateo interior do celebre claustro de Jasnagora dali numa torre donde, a uma janela, armados de pistolas, fizeram fogo contra a policia que pediu, para os auxiliar, uma força de infantaria. Muitos policias ficaram feridos. Os frades do convento procuraram parlamentar com os revolucionarios, incitando-os a renderem-se. Tornaram-se inuteis todos os esforços fradescos. O cerco ao convento continuou durante a noite. Uma metralhadora fez fogo contra a torre e foram então capturados os revolucionarios — mortos entre os escombros.

A REPRESSÃO — Dezoito dos marinheiros que se tinham amotinado em Sebastopol foram condenados á morte, sem falar nas outras condenações.

Contra a barbara sentença, houve uma serie de greves de protesto. Em 20 de novembro, eram 45 mil os grevistas em S. Petersburgo.

A cinco dos dezoito condenados á morte foi por fim comutada a pena na de trabalhos forçados perpetuos. Bem pouco lucraram!

Estados-Unidos

UM PADRE QUE DEIXA A IGREJA — Jeremias J. Crowley, padre catolico durante 21 anos, abandonou a Igreja, publicando um grosso volume que fez escandalo e realizando conferencias muito concorridas, por causa da sua eloquencia.

Tendo descoberto muitos delitos e vicios no clero catolico, pediu providencias ao papa; este, não só não o atendeu, mas concedeu favores aos padres e bispos denunciados, decerto no intuito de lhes restaurar a reputação. Dois outros padres de Chicago que fizeram como Crowley tiveram a mesma sorte. E' o caso do padre P dro Froment do romance *Roma*, de Zola.

O cardeal Falunio afirmou a Growley que todas as queixas daquele genero eram lançadas ao cesto dos papeis. Mil e quinhentas mulheres de Chicago assinaram então uma mensagem pedindo ás autoridades eclesiasticas proteção contra os padres ebrios e imorais. O cardeal Quigley respondeu que a Igreja não permitia uma investigação, pois querer impor a disciplina a tais padres seria destruir a propria Igreja.

As provas dadas pelo autor mostrarão, mais uma vez, que o papado é inimigo consciente da verdade e da liberdade e que a Igreja é uma associação de cumplicidades.

Pela Araraquarense

O nosso companheiro João Penteado vai percorrer a linha Araraquarense.

Ficam avisados os nossos amigos das cidades onde possam ser organizadas conferencias de propaganda.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Rio Grande — Sr. Germano Coelho Estima, Armazem Nova Aurora;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos.

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

Pela linha Ituana, Jundiahi e Campinas

Avisamos os nossos assinantes das localidades servida pela linha Ituana e de Jundiahi e Campinas, que, dentro de poucos dias, serão visitados pelo nosso companheiro viajante.

Certos estamos que todos se esforçarão pelo bom exito do trabalho do nosso companheiro.

AOS ASSINANTES DE LONGE

A todos os nossos assinantes que residem em localidades distantes das linhas por nós percorridas, pedimos que nos remetam o mais breve possivel a importancia de suas assinaturas, pois estamos procedendo á revisão das listas de expedição afim de reimprimi-las.

SANTA MESSALINA

Foi um assombro em toda a aldeia de Peyre-Plantade, quando se viu anunciado á porta da administração o casamento do Sidonio, caçador furtivo e contrabandista, com a Chica.

Durante oito dias, não se falou de outra coisa desde manhã até á noite, em todas as herdades, granjas e lugarejos da montanha e da planicie.

— A femea achou o macho proprio, diziam uns.

— Era o bode de que a cabra precisava, ajuntavam outros.

— O casal fica bem emparelhado, concluia-se por todos os lados.

Francisca Coudère, mais geralmente chamada a Chica, era um tipo de aldeã pervertida.

Quando o seu nome era pronunciado, os homens, moços e velhos, trocavam entre si piscadelas significativas e largavam algum qualificativo feio; as solteiras coravam, baixando os olhos, e as jovens casadas, empalidecendo, ficavam tremulas por um momento; as devotas da paróquia não o diziam, e ao ouvi-lo, persignavam-se. Todos os homens que a quizeram a possuiram.

Tal era a mulher que o contrabandista Sidonio se tinha lembrado de querer conduzir ao altar, coroada de flores de laranjeira, nos primeiros dias da primavera.

O sr. padre Chaudernac, homem austero como não havia outro, quando a velha criada lhe deu esta noticia, uma bela manhã, na ocasião em que ele «matava o bicho», não quiz de modo algum prestar-lhe credito:

— Você graceja, Noemia, exclamou ele, com a boca meio cheia, batendo de repente na mesa com o cabo da faca.

— Eu? Tanto como quando o sr. vigario canta o *credo*.

— Pois então, eu é que lhe hei-de mostrar, a esse bandido, se ha licença de manchar a casa de Deus com uma *vagabunda* que nunca, na sua vida, lá poz os pés. Que vão casar-se para o diabo, se quizerem; mas eu é que não os casarei.

E logo no domingo seguinte, na predica, fez alusões bem claras á miseravel Chica, a quem, num grande rasgo de eloquencia, não compreendido pelas suas ovelhas, deu o nome de *Messalina*.

O contrabandista, que estava ao fundo da igreja, baixou a cabeça, mas não se mexeu.

Oito dias depois, ao cair da noite, o sr. vigario, que se demorara num dos seus pobres lugarejos distantes aonde fôra visitar um doente, regressava por um atalho pedregoso. O sitio era deserto e o barranco á beira do qual ziguezagueava o caminho era duma profundidade terrivel e duma discrição infinita. Só por lhe lançar um olhar furtivo, o padre sentia vertigens e estugava o passo, com o fim de chegar antes da noite.

— Muito boa tarde, sr. vigario. Recolhe hoje tarde...

E como um lobo saindo dos silvados, surgiu diante dele o caçador furtivo.

— Oh! é você, Sidonio? disse o vigario, que, sob a pupila esbrazeada do homem, pressentiu qualquer coisa que lhe gelou as carnes.

— Eu mesmo, sr. vigario. E já que um bom acaso põe um condenado como eu diante dum santo como o sr. vigario, pode explicar-me quem é tal *Messalina* de que v. rev. falou na prédica de domingo? e quer tambem dizer-me se nos casa ou não, a mim e á Chica, como bons cristãos?...

E ao dizer isto, Sidonio brincava distraidamente com a correia meio roida da sua caçadeira, cujo cano brilhava já na noite!

Mas, meu caro, disse o padre reunindo toda a saliva que lhe restava, respondo com todo o gosto. A *Messalina* é uma santa, viuva e martir, ha muito tempo canonizada pela Santa Madre Igreja: a sua festa cai precisamente no proximo domingo. Quanto a casar a Chica, terei nisso grande prazer, e ha-de ser até na capela da Virgem, se vocês quizerem.

— Sim, senhor, sr. vigario, se não for mais caro.

E com uma gargalhada zombeteira e ameaçadora, o bandido retirou-se. Pouco depois, o padre ouviu-lhe a voz, do fundo do barranco:

— Cumpra a palavra sr. vigario, senão...

O resto foi abafado pela ramaria.

Quando chegou ao presbiterio, o padre foi logo deitar-se, não querendo sequer sentar-se á mesa, já posta, diante dum bom fogo. Que estava muitissimo fatigado.

No dia seguinte, os paroquianos não analfabetos leram á porta da igreja, numa letra um pouco tremida, este aviso: «Esta noite começa a novena de Santa Messalina, viuva e martir.»

Os unicos que se admiraram do aparecimento desta nova santa foram o chantre, o sacristão e sua mulher, pessoas ao corrente da liturgia; mas não ousaram interrogar o vigario, tão mesquinha julgavam a sua inteligencia e pequena a sua sciencia ante o representante de Deus.

Por isso, durante nove noites, até ao casamento da Chica com o Sidonio, juntaram as suas vozes piedosas ás das outras ovelhas, que cantavam acompanhando o pastor:

— *Sancta Messalina!*

— *Ora pro nobis!*

E aí está como, por intermedio de um vigario de aldeia, a mulher de Claudio se introduziu subrepticiamente no calendario gregoriano.

Gaëtan Kerhouel.

CIRCULO DE E. S.

Conquista do Porvir

FESTA LIBERTARIA

O grupo dramatico deste centro social realizará, sabado, 11 de janeiro, ás 8 e meia da noite, no salão Alhambra, sito á rua Marechal Deodoro n. 2, uma soirée dramatico-dançante, em beneficio da escola operaria do mesmo centro.

PROGRAMA:

I — Irá á scena o comoventissimo drama em 3 actos, de David Chiossoni, *A irmã do cego* (La sorella del cieco).

II — Conferencias em portuguez e italiano.

III — O drama social *A canalha* (La canaglia).

IV — Grande quermesse com lindas prendas.

V — Baile familiar.

Postais de Ferrer

Temos á venda postais com o retrato de Ferrer.

Preço: 1 duzia 1$500 e avulso 200 réis.

Pequenos écos

Boas festas — Com os seus augurios de bem-estar e felicidades, enviaram-nos os seus cartões de fim de ano os seguintes correligionarios e amigos:

Dr. Luiz Carlos Rigaud e sua exma. sra. d. Ana Rigaud, de Amargosa; sr. Antonio Leite de Oliveira, de Santos; sra. Hortencia e srs. Mario e Antonio Pereira da Cruz, de Pirituba; sr. Hilario Neves, de Cravinhos; sr. Manuel José da Fonseca, de Jundiahi; sr. João Feliciano, de Sorocaba; sr. Paschoal Marsicani, de Cravinhos; sr. Leonidas Cardini e exma. familia, de Jundiahi; sr. Placido Atilio Padovan, de Jahú; sr. Celso Deslandes Souza, de Paranaguá; sr. Scipione Del-Moro e exma. familia, de Salto de Itú; sr. Roque Cortez e exma. familia, de Uberaba; sr. Magnus Henrique Olzan, de S. Paulo; sr. Joaquim R. Temperany, de Fabrica do Cedro; sr. Osorio de Barros e exma. familia, de Barretos; sr. Manuel de Araujo Sampaio, de Sertãozinho; sr. Francisco Danello e a exma. sra. d. Filomena Pompeia, de Dourado; sr. Octaviano Bastos e exma. sra. d. Rita Bastos, do Rio; João Odorico, de Guaranesia.

Com os mesmos desejos de farta messe de felicidades no novo ciclo gregoriano, a todos deixamos aqui o nosso agradecimento, fazendo votos para que seja amanhã ainda mais forte, mais possante a união da familia livre pensadora no embate com as forças do clericalismo retrogrado e criminoso.

Folhinha — O sr. Rafael Stamato, proprietario da oficina mecanica sita á rua Santa Rosa, 2, e fabricante do Engenho Stamato, enviou-nos a sua folhinha para o ano entrante. Agradecidos.

Pelas publicações

MORAL RELIGIOSA — Conferencia realizada na Loja Cap.·. «Caridade 2.ª» pelo dr. Abdias Neves. — Tip. Paz — Piauhi, 1912.

Mais uma bela semente acaba de lançar ao campo promissor das novas ideias o nosso denodado e infatigavel correligionario dr. Abdias Neves. *Moral religiosa* é um folheto de poucas paginas, mas de cerrada e consistente argumentação, reveladora da alta cultura do autor da *Psicologia do cristianismo*, do *Manicaca* e de outras obras de combate.

Na *Moral religiosa* são estudadas, sintetica mas erudita e cabalmente, a moral dos evangelhos e a moral da Igreja, ambas discordantes e ambas, em todos os tempos, perniciosas á humanidade que as recebeu e hoje, mais do que nunca, depois dos progressos da sciencia e do industrialismo, incompativeis com o estado presente da civilização, que tem como ridicula e irrisoria a ideia de divindade. Apenas hoje se prestam culto ás pompas exteriores do catolicismo, aos padres de vestes aurifranjadas, — e apenas se tolera os fervores religiosos nas mulheres. Demais, com estatisticas e com sabias observações, prova que a religião nunca foi nem nunca será o tão falado «freio» de moralidade, «freio» que é ao mesmo tempo cavalo de batalha dos religiosos de todos os generos e feitios. Cita factos de alta significação em apoio de sua proposição, como o daquele padre Delacollonge que estrangula a amante e, ao conduzi-la, percebendo que dava ainda sinais de vida, aproveita o momento para a absolver *in articulo mortis*.

Apertamos as mãos ao dr. Abdias, agradecendo o folheto que nos foi gentilmente enviado e desejando que se mantenham sempre constantes o ardor, a dedicação com vem de longa data lutando, com a sua pena incisiva e a sua palavra destemerosa, contra a casta ignobil que é a principal causadora dos males da terra.

B. DA S.

ARIEL — Com 64 paginas nutridas de boa colaboração, acaba de aparecer em Paris, «lleno de optimismo y de esperanza, seguro de su buena obra de elevación y del cariño de la juventud», o 1.º numero (novembro) desta *revista de arte libre*, sob a direcção do magnifico poeta Alejandro Sux, tão conhecido nos centros libertarios da America do Sul.

Do seu brilhante e longo sumario, destacamos, como atestado de valia, os artigos: «Obstruccionismo y juventud», de F. F. de Amador; «Por el salón de Otoño», de Querandi; «El eterómano», de A. Sux; «La escritura pictográfica en América», de Eduardo Clood; «Soneto», de Arturo Marasso Rocca; «De los veinte anos», de Cesar Carrizo; «Patibularia», de Nicolas Estévanez; «Malatesta», de L. Tulio Bonafoux... Este ultimo, um belo artigo impressionista sobre o querido revolucionario, será publicado, em tradução, aqui nestas colunas.

Ariel, com um vasto programa de congraçamento e expansão da juventude intelectual da America, promete ainda iniciar em breve a edição de obras literarias, que formarão a *Biblioteca Ariel*.

Endereço: Rue du Château 15, Paris.

Representante na America do Sul: José Bernardo, Calle Santa Fé, 1330, Buenos Aires,

Assinaturas para o Brasil: 6 numeros, 2$600; 12 numeros, 5$000.

Bilhetes e recados

? — Conselho da S. S. G.: Aceitamos com entusiasmo a vossa indicação. Do incançavel Ganganeli 31 já temos tido provas da sua dedicação pela *Lanterna*. Escreveremos logo que o possamos fazer, seguramente, para o endereço que nos indicar. A vossa actividade na luta contra o bando negro já produziu alarme no seu coio principal daqui. Saudações a todos os batalhadores desse valoroso baluarte do anticlericalismo.

Campinas — A. F. de A.: Respeitamos a sua deliberação, mas ha-de permitir-nos uma observação. Quer o amigo estirpar do seio da humanidade o terrivel cancro clerical sem dar cabo do organismo que lhe alimenta a existencia? O clericalismo viverá enquanto dominar esse amálgama de dogmas absurdos que eles sustentam para com eles dominar e explorar o povo ingenuo ou ignorante. Havemos de conversar melhor sobre o seu postal. Não nos queiramos mal por isso. Saudações.

Rio — Jango: Recebi os recortes. Tratarei de consegui-lo, porque me fará bastante falta. Saúde!

S. Manuel — L. S.: Recebemos os 10$ para a sua assinatura. Já iniciámos a remessa do jornal. Saudações.

Jatahi — P. J.: O belo romance ainda não foi editado em portuguez. Saudações.

Bahia — V. F.: Registámos os 10$ de sua assinatura. O livro só quando recebermos a nova remessa da Europa. Remeteremos o n. de *Regeneración*. Saudações.

Guaranesia — J. O.: A remessa tem sido feita regularmente. A falta é do correio. Fizemos a transferencia. Saudações.

Bagé — N. T. M.: Mesmo assim poderemos continuar a remete-la, lembrando-se dela o amigo logo que estiver em condições. Saudações.

Sertãozinho — S. L.: Seguiu o livro pedido. Saudações.

São Simão — T. J.: Remetemos dois exemplares do n. pedido. Saudações.

Serrinha-Pedras — A. R. da S.: Seguiram os pacotes pedidos. Saudações.

Santos — G.: Da cartilha não ha mais um só exemplar. E' preciso esperar a nova remessa. Chama-se isso «fazer a America»... O jornal foi enviado regularmente. Saúde!

Rio — J. G. A.: Em identicas condições se encontram todos os que vivem do proprio trabalho. Saudações.

Paranaguá — C. D. S.: Ha aqui á venda um folheto sobre o assunto. Custa 1$ e o vocabulario 6$. Saudações.

Ribeirão Vermelho — M. C.: Foi satisfeito o seu pedido de folhetos Saudações.

Empreza (Acre) — J. de A. L.: Já o registámos no nosso livro de assinantes. Folgamos em ver que mesmo nesses longinquos recantos conta a nossa causa com elementos de combate. Saudações.

S. Paulo — L. Prates: Fizemos a transferencia. Saudações.

S. Paulo — A. A. dos S.: Foi-lhe remetido o n. indicado. Saudações.

Agudos — J. F. M.: Foi feita a transferencia. Saudações.

Independencia — L. O. P.: Os 3 exemplares do livro de White só poderão seguir quando recebermos a nova remessa da Europa. Saudações.

Dourado — J. T.: A transferencia foi logo feita. Saudações.

S. José do... Inferno — C.: Seguiram os postais e o livro. Pedirei aos camaradas do Rio que respondam sobre a tua consulta. Saúde!

Rio — Gildo: Que ha sobre a questão do C.? Agradecido pela copia da carta. Saúde!

Passa Quatro — F. R.: Modificámos o endereço. O retrato custa 1$. Saudações.

Coritiba — B. L. G.: Pois a remessa tem sido feita com toda a pontualidade. Seguiu o n. extraviado.

Belo Horizonte — J. F.: Recebemos a importancia de sua assinatura. Saudações.

Bahia — M. J. S.: Remetemos-lhe o livro pedido. Saudações.

Bagé — A. Santos: Queira o estimado companheiro receber as nossas sinceras condolencias pelo doloroso golpe que acaba de feri-lo. Gratos pela demonstração de interesse pela vida da *Lanterna*. Saúde!

Rio — R.: Creio que o M. ainda está em Buenos Aires ou pelo menos na Argentina. Mas ha muito que não me escreve. E' costume dele. Saudações.

Rio — José Souza Azevedo: O Neno recebeu o vale de 13 francos pelos livros que mandou. Saúde!

Rio — B.: E ficaste *encrencado* por isso? Sempre me saiste um *ranzinza*... Julguei que fosse outra a *meleca*... Vá, *toca p'r'o pau*... Transmitidos os recados. Saúde!

Rio — Abranches: Seguiram as listas dos novos. Foram feitas todas as modificações nas listas dos assinantes e pacoteiros. Faremos como dizes sobre os de Petropolis. Remeteremos os folhetos e os ns. indicados. Boas as duas iniciativas. Mandem noticias sobre a Liga.

Sertão de Minas — Z. Z.: Agradecidos pela oferta. Scientes do que se refere ao assinante. Já permutamos com a folha mencionada. Foi mais uma prova do valor da solidariedade popular na vida social. Saudações.

Lisboa — Neno: Precisamos de mais uma urgente remessa do livro Saudades de todos.

Rio — Cecilio: Hosana? Magnifica! Recebi o pacote. A quem mandam para aqui? Saudações de todos.

Jaguarão — Grac: Os 6 riscados seguem agora em pacote para o teu endereço. Aceitamos a indicação. Seguirá o talão para a cobrança. Conversaremos melhor por carta. Saúde!

Niteroi — J. Martins: Escrever-te-emos sobre a parte ficada. Conheces o criticado? Parece-nos em boa fé. Saudações.

Campinas — H. L. Morais: Queira receber as nossas condolencias pela perda de sua idolatrada pequenita. Saudações.

FOLHETIM DA LANTERNA (27)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

III

SALVERIO

— Espantoso! espantoso! murmurou João.

— Talvez; mas isso nada é ainda. Desde então recebi varias visitas de padres, falando-me todos de te[illegible]. Percebi que me conservava[illegible] vivo com a esperança de me a[illegible]ncar ou surpreender um dia o s[illegible]. Assim vivi durante anos, chegando a convencer-me de que ainda viviam minha mulher e minha filha...

“Aparte padres e frades, eu só via o carcereiro, que me estava reconhecido por lhe haver salvado a mulher e que me tratava com mais caridade. Um dia estava subitamente no meu calaboiço com uma criança de quatro ou cinco anos nos braços. Era seu filho, atacado de uma violenta febre cerebral. Havia poucas esperanças de o salvar, mas quiz tentar o impossivel. Pedi que me trouxessem o necessario e, em quanto a mulher do carcereiro segurava o menino, o homem correu a executar as minhas instruções, voltando em menos duma hora. O carcereiro rogou ao governador da prisão que me permitisse ir ao quarto dele tratar do filho; mas não obteve essa licença. A pobre mãe instalou-se então no meu calaboiço com o filhinho nos braços, sendo revezada pelo marido, quando fatigada. Ao cabo de quatro dias de esforços e desvelos, estava salvo o pequeno.

“O carcereiro agradeceu-me com efusão. Quanto á mãe, foi-se embora com o menino e só a tornei a ver um mez depois, terminada a convalescença do filho, quando mo trouxe para eu o beijar, pretendendo que isso lhe daria felicidade. Em seguida, mandando-o adiante, ficou só comigo e deu-me um frasco com caldo concentrado, dizendo: “Tomai um gole de hora em hora; isso vos dará forças, de que bem necessitareis esta noite.“

“Embora sem compreender, obedeci. A' noite, entrou devagarinho a mulher do carcereiro, trazendo um embrulho bastante volumoso que depôz num canto, assim como a sua lanterna. Depois, fechou a porta e, dirigindo-se para junto de mim, murmurou-me: “Ides fugir“.

“A custo reprimi um clamor de alegria selvagem e fiquei todo alvoroçado. A mulher abriu-me logo os cadeados das correntes, friccionou-me as articulações, cortou-me os cabelos e a barba e acabou por desfazer o embrulho, dando-me um traje de aldeão. Apenas vestido, apagou a lanterna e levou-me pela mão através dos corredores, até ao ar livre.

“Vacilei e estive a ponto de cair como um ebrio. A mulher deu-me então a beber um cordial e disse-me.

— Vós salvastes-me e salvastes meu filho; é agora a minha vez de vos salvar. Ide e Deus vos guie!

— Mas vós?... Que será de vosso marido?

— Tomamos já as nossas precauções. Meu marido já está fora e espera-me com o menino. Temos amigos que nos escondem até podermos passar a outro paiz.

— Vosso marido então consentiu na minha evasão?

— Ha um mez que lho peço e ele não consentia; mas esta manhã, nos aposentos do governador, ouviu que se tratava de vos entregar ao carrasco dentro de poucos dias... Adeus! Haveis salvado mais do que a minha vida: a de meu filho! Oxalá escapeis aos vossos inimigos.

“Abracei a boa mulher e puz-me a caminho, possuido de infinita alegria, parando ás vezes, correndo outras. Ao cabo de duas horas de marcha nas trevas, distingui ao longe as poucas luzes duma povoação e um quarto de hora depois encontrei um camponez, que guiava um carro de legumes. Perguntei-lhe que povoação era aquela.

— E' Amiens! respondeu ele com espanto.

— Amiens!

“Durante a minha loucura, tinham-me levado de Tolosa para Amiens! Nunca tinha perguntado ao carcereiro onde estava, e talvez ele supusesse que eu já o sabia. Perguntei depois ao aldeão em que dia e ano nos achavamos.

— Estamos a 27 de fevereiro de 1762, respondeu ele, fustigando logo o animal e fugindo assustado com o estranho das minhas perguntas,

“Eu fôra preso em Tolosa a 8 de dezembro de 1747. Havia, pois, 14 anos, 2 mezes e 19 dias que estava separado do mundo!

— Catorze anos encerrado! murmurou o Cavaleiro de La Barre.

— Sim, catorze anos; e só vos resumi o que sofri durante esses catorze seculos. Um dia vos darei a ler um manuscrito onde hoje estão todos os pormenores...

— Deve ser espantoso!

— Justamente: espantoso.

— Como pudestes resistir a tais abalos fisicos e morais?

— Era amparado por uma ideia fixa...

— Qual?

— A vingança!

“Resta-me dizer-vos porque fui, na realidade, encarcerado, referir-vos o que fôra feito de minha filha e de Genoveva; levei dois anos a saber tudo! Depois da evação, vivi dez mezes nos arredores de Amiens, pensando que me procurariam por todos os cantos, menos perto da fortaleza donde fugira. Não me enganei. Depois, parti para Tolosa, caminhando de noite, ocultando-me de dia nos bosques. Em Tolosa, ninguem me reconheceu e pude fazer as minhas averiguações, findas ha seis mezes. Interroguei e comprei varias pessoas, e reconstituí a verdade inteira.

“Verdade atroz. Um mez antes da minha prisão, Belleval viu Genoveva e apaixonou-se por ela. Seguiu-a, soube-a casada, viu-me, denunciou-me... Oito dia depois de me fazer prender, raptou Genoveva e violentou-a. Nesse mesmo dia, Genoveva matou-se.

— Oh! é atroz!

— Quanto a minha filha, soube que fôra entregue a uma mulher, que desapareceu com ela, tendo sido paga por Gerfaut. Tudo isto me foi contando por um ex-criada de Belleval, por mim finalmente descoberta.

“Tornei a pôr-me a caminho com uma dupla missão: procurar Gerfaut para lhe pedir contas de minha filha, procurar Belleval para lhe pedir contas de Genoveva. Conseguiu-o: ambos estão condenados e ambos me pertencem.

Houve um longo silencio.

— Agora, Cavaleiro, disse por fim Salverio, respondei-me: disputais-me o direito que julgo ter de ser o primeiro a defrontar o conde de Belleval?

O Cavaleiro levantou-se e disse com voz comovida:

— Senhor: nada tentarei sem vós. Esperarei as vossas ordens.

Apertou então a mão de Salverio e saiu. O ferido, apenas se viu só, desfez-se enfim em soluços irreprimiveis. Depois, tudo voltou ao silencio.

IV

EM CAMPO

La Barre voltou para junto dos seus amigos e disse-lhes:

— Salverio tem razão: devo dar-lhe a preferencia. Mas ao menos quero encontrar quanto antes o conde de Belleval.

Pois bem! exclamou d'Etallondes. Vamos procura-lo desde já.

Neste momento entrou Estocada, ficando Cabeça de Ferro á porta e dizendo o gascão:

— Senhores, venho despedir-me de vós.

— Deixais-nos? perguntou o Cavaleiro.

— Assim é preciso. Tudo tem um fim, até e sobretudo o que é bom. Não somos dos que abusam.

— E' essa a razão? perguntou sorrindo d'Etallondes. Nessa caso, tranquilizai-vos.

— Senhor, disse Estocada com pompa, sou homem de espada. Esta, uso-a por direito de nascimento. E por mais decaído que me veja, ainda não cheguei a aceitar o papel de parasita. Agradeço-vos, pois, a intenção, mas não posso aceitar o amavel oferecimento.

— Senhor, apressou se a dizer d'Etallondes, bem impressionado como os outros, longe de mim a ideia de vos ofender. A vossa nobreza é visivel; e eu, propondo-vos que fiqueis, só tive em vista fazer-vos compartilhar os nossos perigos...

— Perigos?...

— O ferido, disse o Cavaleiro, está ameaçado por inimigos terriveis...

— Um dele não é um tal Gerfaut?

— Sim! Como sabeis isso?!

— Ouvi pronunciar este nome aos frades, que, segundo compreendi, iam prevenir esse Gerfaut da estada do sr. Salverio na hospedaria. Por isso é que tratei de retardar a chegada deles a Abbeville.

— Parece-me, disse o Cavaleiro, que sois um bom parceiro. Vamos lutar: se quereis, ficai ao nosso lado.

— Mas é o que eu quero: lutar!

E batendo com o pé no chão, caiu a fundo contra meia duzia de inimigos invisiveis, fazendo sorrir os quatro moços.

— Então, senhor...? interrogou de Maillefeu.

— Estocada! declamou o gascão. E ajuntou logo com melancolia: — Permiti-me, senhores, que mantenha a minha alcunha. Talvez um dia vos explique porque, narrando-vos a minha historia. Está dito: fico. Mas sou inimigo da inacção: quero já hoje pôr-me em campo.

Houve uma troca de apertos de mão e d'Etallondes levou Estocada, seguido por Cabeça de Ferro, a um quarto do segundo andar.

— Meu querido sr. Estocada, permiti-me um conselho. Deverieis mudar de traje... Não por nossa causa... mas porque podeis ser reconhecido.

— Por vida minha! não me lembrava... Tendes razão; mas não conheço por aqui um bom alfaiate...

— Pensei que talvez vos dignasseis conformar-vos com algum dos meus trajes, em quanto não vos encontrais com o vosso alfaiate costumado...

— Sois um homem encantador: aceito!

(*Continúa*).